

Eurípides, *Cresfontes* e a tradição mítica da Messénia

Euripides, Cresfontes and the mythical tradition of Messenia

Maria de Fátima Silva

Universidade de Coimbra (UC), Coimbra / Portugal

fanp13@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5356-8386>

Resumo: Dada a escassez de informação, literária e arqueológica, no que se refere à história antiga da Messénia, as versões disponíveis, em geral breves e incompletas, são além disso controversas. O objetivo deste artigo é focar-se nas tragédias de Eurípides, inspiradas em mitos associados com a Messénia. Tendo em conta os traços estruturais e cénicos sugeridos pelos fragmentos, tentaremos valorizar a contribuição do poeta no sentido de uma leitura política e a sua influência em versões tardias do mesmo assunto.

Palavras chave: regresso dos Heraclidas; Pausânias; Guerras Messénicas; peripécia trágica; anagnorisis; vingança.

Abstract: Given the scarcity of information, both literary and archaeological, regarding the ancient history of Messenia, the available versions, which are generally brief and incomplete, are also controversial. The aim of this article is to focus on Euripides' tragedies, inspired by myths associated with Messenia. Taking into account the structural and scenic features suggested by the fragments, we will try to underline the poet's contribution towards a political reading and his influence on later versions of the same subject.

Keywords: return of the Heraclids; Pausanias; Messenian Wars; tragic peripeteia; *anagnorisis*; revenge.

1 Origens míticas legitimadoras da antiguidade e autonomia da Messénia

As tradições associadas com o passado da Messénia recuam até ao regresso mítico dos Heraclidas ao Peloponeso.¹ Pausânias (2.18.7) escreve: “Foi no reinado de Tisâmene que os Heraclidas regressaram ao Peloponeso; eram eles Témeno e Cresfontes, filhos de Aristómaco, e os filhos de um terceiro irmão já falecido, Aristodemo”. Foi então que, confrontadas com a ocupação levada a cabo pelos invasores dóricos, as cortes locais empreenderam uma nova divisão de reinos com outros soberanos. Segundo o mito, Témeno destacou-se como chefe da invasão dos Heraclidas, que conquistaram a região e fundaram o estado dórico de Argos. O vasto território ocupado por ele e pelos filhos no nordeste do Peloponeso, incluindo Argos, ficou conhecido na tradição como “lote de Témeno” (cf. Pausânias 2.29.5, Éforo, *FGrHist 115F 393*).² Na divisão do Peloponeso feita pelos Heraclidas, a Lacedemónia coube a Procles e Eurístenes, os filhos gémeos de Aristodemo, e a Messénia a Cresfontes (cf. Pausânias 3.1.5, 4.3.3-5).³ Esta distribuição, e os interesses nela

¹ Cf. Pausânias 4.3.3: “No final da guerra contra Troia, quando, após o regresso, Nestor morreu, a invasão dos Dórios e a incursão dos Heraclidas, duas gerações mais tarde, levou à expulsão da Messénia dos descendentes de Neleu”. Luraghi (2008, p. 17) sublinha que o regresso dos Heraclidas e a partilha entre eles do Peloponeso funcionaram como “uma espécie de momento fundacional no mito-história do Peloponeso”. Todas as traduções portuguesas dos autores gregos são de minha autoria.

² A versão que atribui a Argólida a Témeno antes do sorteio (P. *Oxy.* 2455, fr. 9.10), por ele ser o filho mais velho de Aristómaco, foi sem dúvida a usada por Eurípides no *Témeno* e referida nos *Teménidas*.

³ O interesse de Cresfontes pela Messénia teve certamente a ver com a reconhecida fertilidade desse território. Em *Témeno* (fr. 727e Kannicht = Estrabão 8.5.6), Eurípides insiste nesta característica que se tornou tradicional, num contexto que, com toda a probabilidade, se referia à distribuição mítica do Peloponeso. Esses versos elaboram uma comparação extensa das características da Lacedemónia e da Messénia. As montanhas agressivas da primeira (rodeada pelo Taígeto e pelo Parténio) são contrapostas à fertilidade e amenidade do solo da segunda. Καλλίκαρπος (“rica em frutos,” “fértil”, fr. 727e.7 Kannicht) é o ponto de partida para a descrição de um território abundante em pastagens e gado, com um clima suave, e irrigado pelo rio Pamiso. Estes são elementos que tornam a Messénia igualmente atrativa para um possível usurpador, segundo Eurípides, Polifontes, um Heraclida como Cresfontes, o detentor de um território que

envolvidos, não pareciam pressagiar um futuro harmonioso para os territórios repartidos, Argólide, Lacónia e Messénia. A fantasia mítica de características etiológicas sugere um processo histórico e justifica todo um vocabulário de topónimos e de antropónimos. A fluidez política da região, bem como a escassez de provas literárias ou arqueológicas, justificam a ocorrência de uma multiplicidade de variantes, todas elas coincidentes em duas perspetivas: 1. em encontrar uma origem autónoma e uma individualidade política para a Messénia, que acabou submetida ao poder da Lacedemónia ou sujeita à sua esfera de influência desde tempos muito antigos; 2. em justificar a legitimidade de um ascendente lacónio sobre os seus vizinhos. Nas palavras de Luraghi (2008, p. 3): “Este foi um esforço impressionante para remodelar um passado, se de facto existiu algum”.

A submissão em que a Messénia se viu relativamente à Lacónia, desde o séc. VIII a.C., condicionou o seu percurso histórico; Tirteu e Pausânias são, para nós, os dois testemunhos de um processo que levou um território, quem sabe se antes independente, a ver-se capturado, durante vários séculos, por uma autoridade vizinha, até que a libertação se consumou em 369 a.C. No ano que se seguiu à vitória de Tebas sobre os Lacedemónios em Leuctros, houve oportunidade para o regresso do exílio dos Messénios, para a fundação da cidade de Messene e, assim, para a independência política da região.⁴ No final deste processo, a identidade messénica tornou-se duplamente controversa. Que passado se lhe poderia atribuir com segurança? Na ausência de vestígios confiáveis, literários ou arqueológicos, que consolidassem, desde uma origem mítica, os vários estádios da existência da Messénia e registrassem com pormenor o conflito que a confrontou com os Lacedemónios, abriu-se espaço para muita especulação e fantasia entre os comentadores antigos. É, no entanto, consensual que o povo dominado foi forçado ou a exilar-se (em Régio e Naupacto), ou, no caso daqueles que não quiseram deixar a sua

lhe foi atribuído por sorteio; em Pausânias, os próprios Messénios atribuíam o desejo dos Lacedemónios de se apropriarem do seu território a uma ‘fatal’ fertilidade (4.4.3).

⁴ Cf. Pausânias 4.1.3: “Antes da batalha que os Tebanos travaram contra os Lacedemónios em Leuctros, e da edificação da Messene do nosso tempo abaixo de Itome, julgou que não havia qualquer cidade com esse nome”.

terra, a tornarem-se escravos ou hilotas, destinados a cultivar os campos sob controle espartano.⁵ Alcock (1999, p. 333-334) exprime em termos precisos a polémica gerada pela falta de testemunhos, confrontando uma escola de pensamento que “defende que os Messênios, sob domínio espartano, inevitavelmente não tinham história” – e, nessa perspectiva, uma narrativa como a de Pausânias, Livro IV, não passaria de pura especulação e o resultado da necessidade de inventar para aqueles agora libertos uma história e um passado –, com aqueles que “defendiam o direito dos Messênios, apesar do domínio espartano, a terem uma noção do seu passado”. Esta segunda posição tende a detetar na história da Messênia um processo contínuo e a ver no seu passado longínquo uma identidade e um potencial de resistência política contra o usurpador; assim, os Messênios, regressados ao seu território, teriam mantido um elo inquebrantável e coerente com o passado. Apesar da escassez de testemunhos fiáveis, a conotação política é decisiva em ambas as leituras.

A posição dos nossos dois informadores, Tirteu (séc. VII a.C.) e Pausânias (séc. II d.C.), é oposta. Tirteu, o poeta oficial de Esparta,⁶ adotou uma posição compatível com esse compromisso. Não só estimulou os Espartanos a envolverem-se corajosamente no combate, como também considerou as consequências do conflito para os Messênios, que, após anos de luta vigorosa, foram forçados a abandonar a sua terra ou a submeterem-se à autoridade de um conquistador vitorioso (frs. 5-7

⁵ Cf. Tucídides 1.101.2: “Muitos hilotas descendiam de antigos Messênios que teriam sido reduzidos à escravatura”.

⁶ Cf. Pausânias 4.15.6, sobre a origem de Tirteu e da sua influência em Esparta: “Um oráculo provindo de Delfos transmitiu aos Lacedemónios que deviam arranjar um conselheiro ateniense. Enviaram então uma mensagem aos Atenienses a transmitir o oráculo e a solicitar alguém que os aconselhasse no que fazer. Havia duas coisas que os Atenienses não queriam: nem que os Lacedemónios chamassem a si, sem maiores dificuldades, a propriedade da melhor parte do Peloponeso, nem que eles próprios desrespeitassem o deus. Foi esta a solução que encontraram. Havia então um tal Tirteu, um mestre escola, que passava por não ser muito brilhante de espírito e era coxo de um dos pés. Foi esse o tipo que mandaram para Esparta. Quando lá chegou, não só em privado para a gente importante, mas em grupo com quantos encontrasse, recitava elegias e anapestos”. Cf. Platão, *Leis* 629^a, Diodoro 8.27.1.

West).⁷ Tirteu é assim o autor do primeiro registo das Guerras Messénicas, composto num tom elogioso para os Espartanos. Sobre o conteúdo da sua narrativa, Brunhara comenta (2014, p. 252): “... o poema é muitas vezes usado pelos historiadores para provarem a autenticidade das Guerras Messénicas e recordado pelos estudiosos da Literatura Grega como um exemplo da narrativa historiográfica arcaica”. Pausânias, por seu lado, manifesta simpatia por um povo que, apesar das infelicidades e de ter estado ausente do seu território durante três séculos (4.27.11), “nunca esqueceu os costumes da sua terra, [...], nem abandonou o dialeto dórico, [...] antes o manteve sempre na sua pureza integral”.⁸ Assim, Auburger (2000, p. 260) pode afirmar nesta matéria: “Pausânias criou uma longa fábula, em que, com empenho, atribuiu a estes reis todas as qualidades de estadistas e ao povo os valores que tornam os homens livres e respeitados nos séculos que hão de vir”. Por outras palavras, o conteúdo dos dois relatos, que parecem preservar alguma ‘objetividade’, tem início numa perspetiva diferente e expressa-se de um modo diverso.

Luraghi (2008, p. 132), depois de considerar os testemunhos literários e arqueológicos da antiga Messénia, caracteriza-a politicamente como uma região débil, carecida de um agregado populacional que lhe centralizasse os interesses e, por isso, considera evidente a manifesta dependência que a ligava à vizinha Lacónia: “durante os períodos em geral associados ao surgir e ao desenvolvimento da cidade-estado grega, nenhuma entidade politicamente independente existia no território a ocidente do Taígeto e a sul do rio Neda”. O que não significa que uma afinidade cultural entre as populações deste território não criasse nelas um sentimento de autonomia etnográfica. A ideia da existência, a partir do séc. VIII a.C., de uma juventude capaz de se mobilizar para a defesa comum contra um agressor em franca expansão pode sugerir um ponto de partida para um crescendo de contestação. Os heróis e

⁷ Sobre a possibilidade de outros fragmentos atribuídos a Tirteu (19, 23 West) se referirem ao mesmo tema das Guerras Messénicas, cf. Podlecki (1984, p. 95-97).

⁸ Em relação a este aspeto crucial da identidade de um povo – a sua língua –, Tucídides (3.112.4, 4.3.3, 4.41.2) sublinha, no decurso da Guerra do Peloponeso, a semelhança existente entre a língua dos Messénios e a dos Lacedemónios, o que os tornava indistintos. Essa semelhança poderia mesmo funcionar como uma arma impedindo os Lacedemónios de identificarem os inimigos.

os valores de referência terão então emergido na história obscura do passado da Messénia. Collard, Cropp, Lee (2009, p. 123-4) estabelecem, numa tentativa de maior precisão sobre o evoluir da Messénia e do seu processo de libertação ou recuperação de identidade, as coordenadas seguintes: “Este processo pode, contudo, ter começado no séc. V a.C., e.g., após a rebelião messénica de 465-456, quando Atenas instalou os refugiados messénicos em Naupacto”.⁹ Esta é uma fase que Pausânias exclui do seu relato. Mas outros testemunhos, como o de Tucídides, mostram que, nos conflitos emergentes entre Atenas e Esparta, na segunda metade do séc. V a.C., Atenas tratou o caso dos Messénios como um argumento de propaganda anti-espartana e usou os exilados messénicos como aliados contra Esparta. O séc. V a.C. foi, assim, a altura em que a ocupação espartana da Messénia começou a ser posta em causa. A perspetiva de Tucídides, focada nos interesses de Atenas e na exploração dos inimigos de Esparta, não contribui expressamente para o conhecimento objetivo da história messénica.

No séc. IV a.C., a Messénia aparece mais associada à Arcádia, sem dúvida porque esta última participou na sua libertação depois da vitória de Epaminondas, em 369 a.C. (cf. Pausânias 4.3.8); Harder (1985, p. 54) sublinha: “A história foi então adaptada de modo a constituir a ‘velha história’ da Messénia e a conexão com a Arcádia reforçada, ao chamar-se, ao filho de Cresfontes, Epito, o epónimo dos Epítidas, derivando-lhe o nome de Epito, o velho herói da Arcádia”.

2 Versões do mito depois de Eurípides

Antes de nos focarmos nas produções de Eurípides consagradas a este motivo, consideremos versões mais tardias de que as peças do trágico se tornaram um antecedente. Harder (1985, p. 9) afirma: “Depois de Eurípides, encontramos a história da morte de Cresfontes e as suas consequências em diversos autores de narrativas em prosa, que tendem

⁹ Cf. Tucídides 1.103.3. Ao instalar estes exilados em Naupacto, no Golfo de Corinto, Atenas assegurava uma posição estratégica através de um inimigo radical de Esparta, uma vantagem que a história viria a comprovar; cf. ainda Tucídides 2.9.4, 2.69.1, 2.90.3, 4.41.2.

a eliminar os pormenores ‘dramáticos’ da versão de Eurípides e a adaptar a história de modo a servir para fins propagandísticos no conflito entre Esparta e a Messénia”. Se tais versões provêm de Eurípides ou de outros tratamentos do mito é difícil de estabelecer. Mas não deixa de ser sensato pensar numa certa diversidade de motivos disponíveis dentro do que seria uma tradição, baseada sobretudo em narrativas locais. Pelo menos cada novo relato do episódio contém intenções diversas.

Mesmo considerando os poucos fragmentos que representam o tratamento trágico que Eurípides dedicou ao assunto ‘Messénia’, a influência do poeta sobre reescritas posteriores parece incontornável. Um dos elementos trágicos que deixou uma marca forte nas sucessivas recriações foi o homicídio do primeiro Cresfontes. A responsabilidade que, em *Cresfontes* fr. 448^a.20-22 Kannicht, o dramaturgo atribui a Polifontes, o irmão da vítima, acentua a dinâmica familiar do assassinio, reforçando um tipo particular de tensão pessoal e emocional. A versão que parece mais próxima de Eurípides é a de Apolodoro, *Biblioteca* 2.8.5, talvez correspondente a uma síntese da peça:

Cresfontes, depois de governar a Messénia durante um certo tempo, foi assassinado juntamente com os seus dois filhos. Polifontes, um membro dos Heraclidas, assumiu então o poder e, contra a vontade de Mérope, a viúva do rei morto, fez dela sua mulher. Mas acabou também assassinado. Mérope teve um filho, chamado Epito, que confiou ao avô para que o criasse. Quando se tornou um adulto, este filho regressou em segredo, matou Polifontes e recuperou o trono do pai.

Várias divergências são relevantes em outros testemunhos, que atribuem aos Messénios a responsabilidade pelo regicídio, acentuando desta forma o lado político da morte de Cresfontes. Assim Isócrates 6.22: “Os Messénios atingiram um tal ponto de impiedade que decidiram matar Cresfontes, o fundador da cidade, proprietário daquela terra, descendente de Hércules, que tinha sido seu senhor”. Éforo, *FGrHist* 70F 116-117 chega a especificar as razões desta revolta coletiva, numa espécie de complemento da informação de Isócrates, o seu mestre: “Cresfontes deu aos Messénios e aos Dórios direitos equivalentes, o que resultou num

conflito”.¹⁰ E Éforo prossegue afirmando que os conflitos entre Messênios continuaram até à conquista da Messênia pelos Espartanos. Esta justificação é compatível com a adiantada por Pausânias (4.3.7): “Mas não permaneceu por muito tempo, porque os cidadãos endinheirados insurgiram-se contra Cresfontes por beneficiar demasiado o povo e mataram-no, a ele e aos restantes filhos.”

Ao assassínio de Cresfontes, os diversos testemunhos acrescentam, como particularmente relevante, o problema da sucessão. As variações sobre a opção de Eurípides, adotadas pelos autores que se lhe seguiram, são também sugestivas. É comum a todos eles que o rei morto tenha deixado descendência (cf. *Cresfontes* fr. 448^a.23-30), mas é controverso o seu destino. Eurípides inclui, no regicídio, o assassínio dos dois filhos mais velhos de Cresfontes e atribui a sobrevivência do mais novo à prudência do avô e da mãe, que o mantiveram a salvo na Arcádia. Neste pormenor, o poeta trágico sublinhava ainda os laços familiares e consolidava o protagonismo de Mérope como mãe prudente e mulher sensata.

Preservando a intriga familiar em que a versão de Eurípides se baseava, Nicolau Damasceno, *FGrHist* 90F 31 tenta reconciliar os aspetos familiares e políticos da história. Os Dórios, neste caso, eram os perseguidores, que, após terem sido os responsáveis pelo regicídio, tentaram capturar as crianças. Intimaram então o avô, o soberano da Arcádia, a enviá-las, por o pai as querer de volta ao reino. Mas Cípselo percebeu a trama e enviou apenas os dois mais velhos, mas reteve o último, Epito, acabado de nascer. Desta forma salvou-o da traição dos inimigos.

Em contrapartida, outras soluções optaram por sublinhar apenas o sentido político desse salvamento. Isócrates 6.22-3 assume uma versão pró-espartana. Atribui aos perseguidos a iniciativa da fuga e aos Lacedemónios o papel de acolher aqueles que escaparam e se refugiaram em Esparta. Gratos pela proteção dispensada, os descendentes de

¹⁰ O testemunho de Pausânias obedece a princípios semelhantes (4.3.6): “Os antigos Messênios não foram expulsos pelos Dórios; submeteram-se à soberania de Cresfontes e dividiram com os Dórios o seu território. Aceitaram estas cedências por desconfiança para com os seus reis, uma vez que os descendentes de Neleu provinham de Iolco”.

Cresfontes teriam entregado voluntariamente a sua terra a quem pretendia protegê-los. Assim, os Lacedemónios teriam invadido a Messénia para vingarem as vítimas de um crime, de acordo com as disposições do oráculo de Delfos. Por este meio, Isócrates legitimava, com uma distorção da versão mítica, a ocupação espartana da Messénia, certamente dando eco aos argumentos de Esparta em favor da legitimidade da sua pretensão.

Por fim, a versão de Pausânias (4.3.7-8), um grande admirador da superioridade da Messénia, presta grande atenção ao único filho sobrevivente de Cresfontes, chamado Epito (o mesmo a quem Eurípides preferiu dar o nome do pai, Cresfontes, e de quem fez o protagonista da sua peça):

O palácio, que ele próprio e os filhos iriam habitar, construiu-o em Esteniclero. [...] Mas não permaneceu por muito tempo, porque os cidadãos endinheirados insurgiram-se contra Cresfontes por beneficiar demasiado o povo e mataram-no, a ele e aos restantes filhos. Só Epito que, enquanto criança, foi criado por Cípselo, escapou. Quando se fez homem, os Arcádios enviaram-no para a Messénia [...]. Quando se tornou rei, Epito vingou a morte do pai e puniu todos aqueles que estavam envolvidos no crime. Por fim tornou-se simpático aos Messénios com atenções e à gente do povo com benesses, e tal foi o prestígio que granjeou que os seus descendentes, em vez de Heraclidas, passaram a chamar-se Epítidas.

Mesmo se algumas divergências relativamente a Eurípides são evidentes, como seja a responsabilidade direta pelo assassinio do velho Cresfontes atribuído àqueles para quem os favores concedidos ao povo se tornaram inconvenientes, há outros aspetos de confluência que parecem relevantes. Em primeiro lugar, a “Discórdia” (cf. fr. 453.10-13 Kannicht) criou condições para alguma agitação política e para o regicídio; por outro lado, a reintegração no poder do seu herdeiro, o único filho sobrevivente, a quem os Arcádios apoiaram na sua reclamação. Este parece ter sido, na tragédia, um processo político, um momento de efeito dramático significativo, suficiente para manter oculta a identidade do recém-chegado. Igualmente sugestiva é a imagem de soberano perfeito

atribuída ao jovem Cresfontes, seguindo, com prudência ainda maior, a atitude paterna.¹¹ Os Messénios aceitaram-lhe a autoridade e a sua memória persistiu entre aqueles que vieram depois. A generosidade para com o povo e a diplomacia em relação aos poderosos contavam-se entre os seus méritos.

3 O mito messénico em Eurípides: repercussões dramáticas e políticas

É provável que, ao tomar o mito do regresso dos Heraclidas ao Peloponeso e a distribuição do território entre os vários chefes da invasão como contexto para várias produções – *Cresfontes*, *Témemo* e *Teménidas* –, Eurípides estivesse a responder a acontecimentos históricos contemporâneos;¹² *Cresfontes*, por exemplo, parece coincidir com o regresso de alguns Messénios ao seu anterior território para cooperarem com Atenas na ocupação de Pilos, contra os interesses lacedemónios (425).

Tanto quanto sabemos, este não foi um tema que tivesse despertado o interesse dos outros tragediógrafos. Eurípides, no entanto, deve ter recorrido a fontes anteriores (as elegias de Tirteu contam-se, sem dúvida, entre elas), de que nos não chegaram, em termos gerais, testemunhos significativos. A insistência do poeta no mesmo mito pode indicar o interesse por ele despertado, graças à sua consonância histórica. Por outro lado, o tratamento do tema a partir do séc. V a.C. e a diversidade de leituras que proporcionou sugerem a possível existência de diferentes modelos com que se estabeleceu um certo tipo de diálogo.

¹¹ Auberger (2000, p. 261) observa as diferenças que Pausânias acentua entre os dois Cresfontes. Embora tenha iniciado um processo com base na generosidade, o primeiro Cresfontes não tinha tido capacidade para manter a simpatia dos poderosos, apenas preocupado em favorecer o povo. O Cresfontes jovem corrigiu este erro, distribuindo benesses e presentes a ambos os grupos.

¹² Ao discutir uma data possível para as duas peças, Luraghi (2008, p. 53) sugere: “*Témemo* e *Teménidas* são difíceis de datar, mas dificilmente serão anteriores à paz de Nícias, de 421 a.C.; cf. Harder (1991, p. 118 n. 5). É tentador relacionar estas duas tragédias, ou pelo menos uma delas [...], com as relações políticas entre Atenas e Argos, no tempo que vai da paz de Nícias à expedição à Sicília [...]; assim se estabeleceria uma coincidência oportuna com a popularidade do mito da divisão entre os Heraclidas, em Argos (418 a.C.), sugerida por Tucídides 5.69.1”.

3.1 Cresfontes

Tanto quanto sabemos, não houve outros tratamentos trágicos deste tema. A falta de menções prévias a alguns dos participantes no episódio, tal como Eurípides o elabora, permite-nos especular sobre a responsabilidade deste poeta como inventor de alguns aspetos da história. Não há, por exemplo, menção previa ao segundo Cresfontes, um dos descendentes do primeiro ocupante da Messénia, o protagonista da peça de Eurípides; o nome desse filho mais novo do velho Cresfontes e de Mégara, nas versões mais tardias, é substituído por Epito, caso de Apolodoro, *Biblioteca* 2.8.5 e Pausânias 4.3.6. Os nomes de Polifontes e de Mégara, na tragédia de Eurípides respetivamente o usurpador do trono e a viúva obrigada a desposá-lo, parecem também novidade.¹³

Tem sido notado como, em termos gerais, entre Eurípides e os testemunhos que lhe sucederam em relação a este mito, parece existir uma diferença de intenções fundamental: o poeta trágico estava empenhado, tanto quanto a escassez de fragmentos nos permite avaliar, em explorar motivos da ficção dramática – regresso, cilada, reconhecimento – e o seu potencial em termos teatrais; enquanto os outros testemunhos exploram sobretudo a simbologia política do mito, como um argumento para legitimar ou contestar a ocupação lacedemónia da Messénia. Talvez uma avaliação mais atenta dos testemunhos nos permita falar sobretudo no recurso a uma proporção diversa nas duas perspetivas, do que de uma oposição radical entre ambas. Se considerarmos o carácter eminentemente politizado da produção dramática de Eurípides em geral, é possível que o poeta tenha usado as origens míticas da Messénia como um argumento em defesa da sua antiguidade e independência, após dois séculos de ocupação; tornava-se assim o porta-voz da propaganda anti-espartana promovida por Atenas. Motivos como a autonomia dos povos e as qualidades ou defeitos daqueles que exercem o poder estão patentes na proposta dramática de Eurípides. Ao mesmo tempo que algumas das opções do poeta não deixam de influenciar os relatos em prosa de autores tardios dedicados à história da Grécia. Este é o caso particular do Livro

¹³ Além disso, não deixamos de nos surpreender pelo facto de Polifontes não figurar no popular episódio da divisão do Peloponeso entre os filhos de Aristómaco.

IV da *Descrição da Grécia*, que Pausânias dedicou à Messénia; é evidente como este livro, dentro da narrativa global do seu autor, suporta uma relação equilibrada entre mito e história, ficção e realidade.

3.1.1 Elementos dramáticos no *Cresfontes*

A reprodução do que parece ser uma síntese do *Cresfontes* de Eurípidés, feita por Higinio na sua *Fábula* 137, pode constituir um bom ponto de partida para a nossa avaliação:

Polifontes, rei da Messénia, depois de assassinar Cresfontes, filho de Aristómaco, chamou a si o poder que lhe pertencia e a esposa, Mérope. O filho, ainda criança, que tinha tido de Cresfontes, a mãe, Mérope, às escondidas, enviou-o para um seu hóspede, na Etólia:¹⁴ Polifontes perseguiu-o por todas as formas, prometendo uma recompensa em ouro a quem o matasse. Este, quando se tornou um adulto, tomou a decisão de vingar a morte do pai e dos irmãos. E assim, apresentou-se ao rei Polifontes a reivindicar o ouro, dizendo-se o assassino do filho de Cresfontes e de Mérope, Telefontes.¹⁵ O rei ordenou-lhe então que se instalasse no quarto de hóspedes, até ele o poder investigar um pouco melhor. Quando Cresfontes, cansado, adormeceu, um velho que funcionava de mensageiro entre mãe e filho, apresentou-se em lágrimas a Mérope a dizer que ele não se encontrava em casa do hospedeiro e que tinha desaparecido. Mérope convencida de que tinha em casa o assassino do filho, enquanto ele dormia penetrou no quarto com um machado, para matar, na sua ignorância, o próprio filho. Mas o velho reconheceu-o e evitou que a mãe o matasse. Percebendo que lhe tinha sido dada pelo inimigo oportunidade de se vingar, Mérope reconciliou-se com Polifontes. Quando o rei, encantado, fazia um sacrifício, o hóspede fingindo ferir a vítima, matou-o e recuperou o trono do pai.

¹⁴ Este pormenor assume diversas versões, a partir de Eurípidés; *vide* fr. 448^a.30 e Nicolau Damasceno, *FGrHist* 90F 31.

¹⁵ Cresfontes, na versão de Eurípidés. Em Apolodoro, *Biblioteca* 2.8.5 e Pausânias 4.3.6, este filho é chamado Epito.

Dados os motivos sublinhados por Higino, em certa medida concordantes com as sugestões dadas pelos fragmentos conservados, podemos começar por valorizar – de acordo com a análise de diversos estudiosos – os recursos teatrais e a sua harmonia não só com as preferências dramáticas específicas de Eurípides, mas também com a tradição trágica em geral.

O principal fio condutor da peça, que consiste essencialmente no regresso, reconhecimento e vingança, corresponde a um padrão subjacente a diversas criações euripidianas, como *Ifigénia entre os Tauros*, *Electra*, *Íon* e *Helena*; a que se somam, entre as produções perdidas, *Egeu* e *Alexandre*, para referir apenas os exemplos mais visíveis. Em todos eles, parentes, que o destino tinha afastado, reencontram-se. Há, portanto, alguém que chega – Orestes, Creúsa, Menelau, Teseu, Páris, respetivamente – na pele de um desconhecido ou sob uma falsa identidade, para exercer vingança, curar velhas feridas abertas pelo infortúnio, e recuperar o seu lugar na casa e na família. Este é, no *Cresfontes*, o papel atribuído ao protagonista, que, sob o disfarce de ter sido o seu próprio assassino, regressa para vingar o homicídio do pai e dos irmãos, e para recuperar os seus legítimos direitos. A posição arriscada em que se encontra, como alguém cuja vinda é desejada por uns mas temida por outros, coloca-o no papel do inimigo a ser abatido e determina a necessidade de encontrar aliados para a sua causa. O passo essencial do episódio pressupõe o reconhecimento, um motivo famoso em que a tragédia, sobretudo a de Eurípides, fez uma aposta forte. E, como é bem sabido, quanto mais posposto e adiado esse reconhecimento for, tanto mais efetivo do ponto de vista dramático. Se a revelação da presença de um parente de há muito desejado, ou de um vingador sempre temido, for reservada para um momento final, quando uma espada já se ergue para eliminar o estranho, o seu impacto será fortíssimo. Orestes, perante o sacrifício que a irmã, Ifigénia, na Táuride, lhe prepara, encontra-se à beira da morte; bem como Íon, perante o desespero da mãe, Creúsa, que tenta envenená-lo convencida de que se trata de um bastardo do marido; ou Teseu, que Medeia tenta eliminar para salvaguardar os interesses do filho que tinha tido com o rei de Atenas, no *Egeu*; ou Hécuba, confrontada com um desconhecido, vencedor em competições desportivas em que os

seus outros filhos, os príncipes de Troia, são vencidos, em *Alexandre*. No *Cresfontes*, Mérope já ergue o machado (cf. fr. 456 Kannicht) para eliminar aquele que pensa ser o assassino do seu filho, quando, num último momento, alguém reconhece no hóspede esse mesmo filho ameaçado pela ira materna.¹⁶ É então o momento para congregar esforços para que a vingança se produza. Ifigénia e Electra (Ifigénia entre os Tauros, Electra) são aliadas preciosas na defesa dos direitos da casa a que pertencem e da normalidade de uma família devastada pelo infortúnio; Helena, na peça a que dá título, conduz a fuga do Egito e protege o marido de ameaça de um pretendente, o faraó Teoclímeno. Mérope, esclarecida sobre a identidade da sua vítima, passa também de inimiga a aliada e colabora ativamente na vingança contra o usurpador do trono e do seu leito, Polifontes.

Apesar da diversidade de confluências com o padrão trágico preferido por Eurípides, a afinidade particular entre a saga de Cresfontes e o percurso de vida de Orestes, como estabelecido pelos três grandes tragediógrafos (Ésquilo, *Coéforas*, Sófocles e Eurípides, *Electra*), tem sido sublinhada. Há, nos dois mitos, uma correspondência entre: a morte de um rei (o velho Cresfontes / Agamémnon) às mãos de um inimigo (Polifontes / Egisto); o exílio do filho mais novo para sua proteção (Cresfontes / Orestes); o seu regresso para levar a cabo a vingança; a expectativa de alguém da casa pelo regresso do vingador (Mérope / Electra); a intervenção de um velho servo, capaz de reconhecer, no recém-chegado, a criança um dia afastada; e a oportunidade do homicídio do usurpador no momento em que procede a um sacrifício (Polifontes / Egisto).

No plano dramático, parece ainda evidente no *Cresfontes*, como numa multiplicidade de situações, a relevância do desempenho feminino. Esta opção é mais um ponto de confluência com a personalidade do poeta, Eurípides, em quem a comédia contemporânea assinalou “o pior

¹⁶ Aristóteles, *Poética* 1454^a 4, refere o efeito paradigmático conseguido por Eurípides através da articulação entre a ameaça de morte e o reconhecimento, exemplificado por Mérope no *Cresfontes*: “O melhor exemplo é o último; refiro-me àquele momento em que, no *Cresfontes*, Mérope se prepara para matar o filho, e não o mata, antes o reconhece”. Cf. também Aristóteles, *Ética a Nicómaco* 1111a 11, em que, através de um ato involuntário, estranhamente um filho, por ignorância, possa considerar-se um inimigo.

inimigo das mulheres”, com o intuito único de caricaturar o que era uma preferência evidente: a atenção à psicologia feminina e ao seu potencial de inteligência e energia. Ifigénia, Electra, Helena, Creúsa, Medeia e Hécuba são, nas peças a que aludimos pelas suas semelhanças manifestas com a conceção geral do *Cresfontes*, figuras de caráter denso, ou mesmo temível, na sua atuação. Mérope pode incluir-se na mesma galeria. Trata-se da vítima de uma violência insustentável, da esposa de um soberano e mãe de filhos assassinados, todos eles mortos pelo usurpador do trono. Outra violência, não menos severa, se lhe sobrepôs, visando diretamente a viúva: o assédio do assassino, exigindo submissão aos seus desejos. Apesar da dor e da depressão que este estado de coisas lhe terá causado (cf. fr. 448^a.5 Kannicht, “lavada em lágrimas”), Mérope ousou arrebatá-lo o filho mais novo das mãos violentas do novo senhor da Messénia. Estas circunstâncias certamente precediam a ação da peça, mas determinavam, desde o início, uma carga emocional e um estado de espírito na vítima de tais atrocidades. A sua situação não é diversa da de Clitemnestra euripídiana, também ela privada do marido e do filho pelo desejo de Agamémnon à sua mão (Eurípides, *Ifigénia in Áulis* 1148-1160). Quando, portanto, no *Cresfontes* fr. 454 Kannicht – “Não foi só a mim, entre os mortais, que os filhos morreram, / nem sou eu a única a estar privada de marido. Há milhares de mulheres / que, como eu, aguentaram igual destino” – Mérope lembra que o seu destino, mesmo se particularmente doloroso, não foi exceção, outras mulheres também o experimentaram, outras produções de Eurípides validam-lhe as palavras.

A resignação que o curso da vida lhe exigiu não pôde nunca silenciar um ressentimento que só esperava a oportunidade para se manifestar. Talvez a peça reservasse, para a relação problemática entre o par régio, dois *agônes*, um primeiro cheio de recriminações de Mérope, e um segundo, falsamente apaziguador, em que a vingança pairava já nas intenções da ofendida. Este padrão tem um modelo célebre no confronto entre Medeia e Jasão em Eurípides (*Medeia* 446-626, 866-975). Um possível primeiro *agôn* entre Mérope e Polifontes mostraria então a coragem da ofendida diante do opressor (fr. 451 Kannicht), sob esta acusação: “Mas se, como dizes, o meu marido esperava matar-te, / devias tu também esperar e deixar passar o tempo.” Com estas palavras,

Mérope parece refutar um argumento de autodefesa de Polifontes, usado para justificar o assassinio do velho Cresfontes. A prudência deveria aconselhar Polifontes a imitar a hesitação de Cresfontes em o liquidar, e assim, um crime teria sido evitado.

A tão esperada hora chegou quando um estranho apareceu no palácio a reclamar de Polifontes o prémio anunciado para a eliminação do filho sobrevivente do velho Cresfontes e de Mérope. A vingança que ela não tinha tido como executar contra o ilegítimo detentor do trono, Polifontes, dá força ao braço que se ergue para atingir o hóspede que se anuncia como o homicida do último dos seus filhos. Mérope acompanha o gesto com palavras de ódio, um ódio antigo e sempre renovado (fr. 456 Kannicht): “ Bem (merecido) é este golpe / que te vou dar.”

Tanto mais emocionado, podemos imaginar, o abraço – permanente no reconhecimento euripídiano – que teria, por fim, reunido mãe e filho. Com este gesto, a atitude de Mérope evolui de um mero impulso para uma racionalidade homicida. Ela compreende que chegou o momento de colaborar na vingança contra o verdadeiro responsável de tanta violência destruidora. Se a rainha não desfecha o golpe, alia-se com o jovem Cresfontes para lhe dar a vitória sobre o usurpador. Parece ser ela o cérebro da cilada: fingindo resignação, apaziguando ódios antigos que, ao que ela diz, selaram, com mais uma morte, o termo de uma certa fase da sua vida (cf. frs. 449, 454, 455, 458 Kannicht). De modo a que, apaziguado e confiante, Polifontes dê o flanco ao golpe, sem reação ou defesa. O fr. 458 Kannicht parece particularmente sugestivo: “O meu destino, / após tomar como salário os meus mais queridos, / tornou-me prudente.” O sentido de σοφῆν, entendido não precisamente como “prudente ou sensata”, mas também como “artificiosa”,¹⁷ dá uma nuance interessante às palavras de Mérope, entre a mensagem que ela pretende passar ao seu interlocutor e aquilo que lhe vai no espírito. Estas são palavras apropriadas, quando se prepara a vingança contra Polifontes e Mérope domina a credulidade do inimigo.

A visibilidade que a rainha teria na ação da peça é mais ou menos consensual. Trata-se de uma personalidade sólida e emotiva, de cuja atividade dependem algumas cenas centrais na tragédia: a tentativa de

¹⁷ Cf. Harder (1985, p. 120-121).

matar o filho, o reconhecimento e a participação, através do engano, na morte do usurpador.

3.1.2 Mensagem política do *Cresfontes*

Depois de avaliarmos as estratégias temáticas e formais que se adivinham numa produção de tom euripidiano, em linha com as suas diversas produções, consideremos agora a mensagem política do *Cresfontes*.¹⁸ O tema da hospitalidade parece relevante, mas particularmente visível é o do exercício do poder, em modelos contraditórios: o despótico e o humanista. A intervenção do jovem Cresfontes, que reclama, a custo da própria vida, o afastamento do tirano e a libertação da sua terra, contribui para o conteúdo político da peça. Pausânias, no Livro IV, valoriza este motivo do compromisso corajoso da juventude messénica em nome da independência e da liberdade da sua pátria, de acordo com o que parece uma espécie de DNA em que a personalidade de Aristómenes se destaca.

Um diálogo esticomítico provavelmente pronunciado pelo jovem Cresfontes seguia-se ao monólogo de abertura na peça de Eurípidés. O jovem príncipe regressa à corte do pai sob disfarce e em risco da própria vida, e recebe informação sobre a situação na Messénia fornecida por alguém na intimidade da casa (um servo?). A menção vaga de “por dolo” incluída no que parece uma sequência de palavras

¹⁸ Naturalmente, a escassez de fragmentos requer alguma prudência na consideração deste aspeto. Existe alguma concordância entre os comentadores da peça. Harder (1985, p. 11), por exemplo, afirma: “Aqui, claramente, suscita-se a questão de a peça de Eurípidés refletir a discussão sobre a Messénia. A resposta é difícil de dar: o mais que se pode dizer é que *a priori* essa conexão não parece impossível, dado que o tema tinha oportunidade nos anos em que o *Cresfontes* foi escrito. Uma tonalidade política no *Cresfontes* foi reconhecida por E. Schwartz [...]. Schwartz acreditava que o destino do jovem Cresfontes no exílio e o seu eventual regresso à pátria se inspirava no destino dos Messénios, que após a rebelião de 464 tinham sido instalados em Naupacto pelos Atenenses e tinham permanecido em Pilos desde 426”. Luraghi (2008, p. 62) acrescenta a esta hipótese: “Esta atitude é consistente com as relações entre Atenenses e Messénios na segunda metade do séc. V, quando os Atenenses deram Naupacto, como uma nova residência, aos revoltosos messénios que deixaram o Peloponeso, depois do que os Messénios de Naupacto se converteram em aliados preciosos para os Atenenses durante a Guerra do Peloponeso”.

pronunciadas num monólogo inicial (fr. 448^a.1 Kannicht) passa a ser esclarecida (fr. 448^a.13-31):

Cresfontes – Será que o senhor desta casa é agressivo para com os estrangeiros?¹⁹

? – O que ainda está vivo, sim, mas o que já não existe era, com todos, muito amigável.²⁰

Cresfontes – Quem é ele? E o que já não vive, diz-me depois quem é. 15

? – Um dos Heraclidas, de nome Polifontes,²¹ estrangeiro.

Cresfontes – E o senhor da casa que já morreu? Era quem?

¹⁹ A proposta de Harder (1985, p. 62), que supõe que estas primeiras palavras de Cresfontes foram motivadas por alguma coisa dita pelo seu interlocutor, sugerindo receios sobre o acolhimento esperável ao estrangeiro, parece sensata. Neste caso, estes não seriam os primeiros versos do diálogo.

²⁰ Cf. Pausânias 4.3.7, sobre os motivos da morte de Cresfontes: “Mas não permaneceu por muito tempo, porque os cidadãos endinheirados insurgiram-se contra Cresfontes por beneficiar demasiado o povo e mataram-no, a ele e aos restantes filhos.” Provavelmente Eurípidas manteve silêncio sobre as referências ao engano, através do qual Cresfontes teria consumado o seu desejo de ser senhor da Messénia, de que Pausânias faz o relato em 4.3.4-5: “Dava-se até o caso de Aristodemo já ter morrido. Era sobretudo Teras, filho de Autésion, quem se opunha a Cresfontes. Tratava-se de um tebano, descendente em quinta geração de Polinices, filho de Édipo, que então era tutor dos filhos de Aristodemo na qualidade de seu tio por parte da mãe. É que Aristodemo tinha casado com uma filha de Autésion, de nome Argia. Cresfontes, porém, que queria o poder da Messénia a qualquer preço, de acordo com Témeno, preparou uma tiragem à sorte. Numa garrafa cheia de água, Témeno depositou umas bolas de sorteio, uma dos filhos de Aristodemo e outra de Cresfontes. Aquele cuja bola saísse em primeiro lugar poderia escolher qual das duas regiões preferia. É certo que Témeno fez ambas as bolas de terra, mas a dos filhos de Aristodemo era seca ao sol e a de Cresfontes cozida no fogo. Logo a dos filhos de Aristodemo desfez-se e Cresfontes, assim sorteado, escolheu a Messénia.” Acerca deste sorteio, das variações que sofreu a partir do séc. V a.C. e do seu simbolismo para justificar o domínio lacónio da Messénia, cf. Luraghi (2008, p. 50-51). Eurípides, de acordo com a *hypothesis* de *Teménidas*, tal como Éforo (*FGrHist* 70F 115), refere-se a Óxilo (um ser fantástico com três olhos) como o encarregado do sorteio do Peloponeso (P. Oxy. 2455, fr. 9.4-8). Aparentemente, o sorteio era um tema forte no *Témeno* e em *Teménidas* (entre as referências mais antigas a este episódio mítico estão Píndaro, *Pítica* 5.69-72, Sófocles, *Ájax* 1283-1287). No primeiro caso, cabia a Témeno conduzir o processo, sugerindo-se que talvez, como em Pausânias, ele produzisse um engano.

²¹ Nome falante para “aquele que comete muitos crimes”.

? – Já ouviste falar de Cresfontes, membro desta mesma família?

Cresfontes – O fundador desta terra da Messénia.

? – Depois de o matar, Polifontes ocupou o palácio. 20

Cresfontes – Pela violência, ou por um acaso involuntário?

? – Pela violência e à traição, para se tornar rei desta terra.

Cresfontes – E esse que morreu não tinha filhos, nem uma mulher por esposa?

? – Nada disso. Tinha dois filhos, que o outro matou juntamente com o pai.

O prólogo, portanto, revela uma antítese fundamental entre o rei morto e aquele que agora exerce o poder, um rei legítimo e generoso versus um outro despótico e violento. Mais ainda, como entre Lacedemónios e Messénios, que se tornaram rivais, havia um ascendente em comum (“Um dos Heraclidas, de nome Polifontes [...]. Ouviste falar de Cresfontes, um membro da mesma família”, fr. 448a16, 18). À distância cavada pela morte, a memória do velho Cresfontes é ainda um espelho em que a imagem do seu antagonista se projeta mais grotesca. O retrato de Polifontes – aqui antecipado, desenhado por aqueles que o conhecem e observam, ainda antes de ele o poder confirmar com a sua presença – preenche os requisitos que correspondem a um verdadeiro tirano. Como é alguém sob disfarce de estrangeiro que faz a pergunta, é natural que o primeiro traço a ser sublinhado no tirano seja a agressividade em relação aos estrangeiros que o procuram como seus hóspedes. Como qualquer rei bárbaro, Toas da Táuride ou Teoclímeno do Egito, Polifontes representa um perigo para quem se abeira do seu palácio. Essa violência denuncia sobretudo insegurança: aquela que invade quem, pelos crimes cometidos, pode temer a chegada de um vingador. As infrações do novo senhor da Messénia são muitas e terríveis: políticas, contra o legítimo detentor do trono e seus herdeiros, mas também pessoais, por forçar a viúva e mãe fragilizada a sujeitar-se aos seus desejos. A ambição é considerada a regra que guia Polifontes. O que a opinião pública messénica pensa do seu novo senhor fica evidente das palavras do servo, diretas, rudes e firmes. O párodo reforça a mesma censura pela voz de um grupo de velhos que, devido à idade, estabelece um elo entre o passado e o presente, como testemunhas que são da alteração no poder da Messénia (fr. 448^a.77-89):

Choro por esta casa
privada do seu único rei,
o de outrora...
causa de tantas lágrimas. 80
Um sagrado, inexprimível motivo do meu canto.

...

Terríveis..... de um parente...
Com as mãos tingidas de sangue pela morte dos filhos,
esse homem é também para mim culpado de tantos males.
Então... dos filhos de um pai. 90

O coro estaria a referir-se provavelmente não apenas aos crimes cometidos como a uma penalização para a família real, mas também para si próprio, como representante do povo da Messénia. Estaria, portanto, a sublinhar a dimensão política do regicídio. O mesmo efeito multiplicativo dos crimes de Polifontes era reforçado por um estásimo, configurado como um hino à Paz, associado com o repúdio da discórdia política trazida pelo tirano para a Messénia ou por ele produzida na Messénia (fr. 453.9-12 Kannicht):²²

Vem, vem, senhora, para a minha cidade.
A Desordem feroz, afasta-a das nossas casas,
e a Discórdia perturbadora
que se encanta com a agudeza do ferro.

O apelo do Coro parece ter por objetivo uma paz coletiva (dado o sentido político de *Στάσις*, 10) e assim veicula a ideia de perturbação que o regicídio e a autoridade do usurpador causaram na cidade, ou, ainda antes, a instabilidade que lhe facilitou o golpe (cf. Pausânias 4.3.7).

As poucas palavras que os fragmentos conservados nos permitem ouvir saídas da boca do próprio Polifontes confirmam, de um modo arrogante e egocêntrico, as acusações contra ele dirigidas (fr. 452 Kannicht):

O que eu sinto é aquilo que todos os mortais sentem.

²² A perturbação política que grassava na Messénia no tempo anterior à conquista espartana é referida por Isócrates 6.22, Éforo, *FGrHist* 70F 116-7 (*vide supra*).

De gostar de mim, acima de tudo, não me envergonho.

Parece claro que a insegurança que ele exprime é a de quem se sabe culpado de vários crimes. Mas talvez as suas palavras procurem esconder essa culpa sob uma capa de autodefesa. De qualquer modo, a sua arrogância é manifesta.

A insegurança é responsável pela maneira cega e crédula por que Polifontes se deixa apanhar numa armadilha tramada contra ele pelas suas vítimas – Mérope e o jovem Cresfontes. Aliviado pelo que lhe parece a eliminação de um vingador, que comprou por um certo preço, e pela reconciliação inesperada com a mulher que domina, o usurpador ofereceu-se, desprevenido, ao golpe da vingança. Um comentário de caráter moral, que bem poderia encerrar a peça, é-lhe dirigido e aos excessos do seu comportamento. O corifeu (ou Mérope, ou Cresfontes), exprimindo a moral da história, reflete sobre o resultado da vingança (fr. 459 Kannicht):

As vantagens que qualquer mortal deve obter deviam ser tais,
que nunca, mais tarde, delas se viesse a lamentar.

4 Conclusão

A falta de testemunhos sólidos sobre o passado remoto da Messénia proporcionou alguma fantasia entre os autores pertencentes sobretudo ao período posterior ao séc. IV a.C. O conflito intenso que opôs Esparta e Atenas durante a segunda metade do séc. V a.C. e o domínio conseguido, na Grécia, pela cidade do Peloponeso durante as décadas seguintes convidavam à consideração das relações de Esparta com os seus vizinhos. Não é de surpreender, portanto, que as leituras do mito da Messénia nesses anos tivessem sobretudo conduzido a conclusões políticas.

Mas há bons motivos para pensar que, por trás dessas versões tardias, ponderavam fontes tão recuadas quanto o séc. VII a.C., se se considerar a poesia de Tirteu e as alusões por ele feitas às Guerras Messénicas.

Neste limitado conjunto de testemunhos, Eurípides teria ocupado um lugar decisivo se pensarmos na insistência com que a sua tragédia usou tradições messénicas. Embora muito poucos fragmentos se tenham

conservado, é evidente que os mitos relativos ao sudoeste do Peloponeso eram compatíveis com as preferências da cena de Eurípides. Mas é também previsível que a sua mensagem histórica e política os tenha tornado atraentes para o público ateniense do séc. V a.C. Olhar para os fragmentos e tentar seguir o rasto que deixaram, apesar das muitas limitações, é ainda assim uma tarefa desafiadora.

Referências

ALCOCK, Susan. The pseudo-history of Messenia unplugged. *Transactions of the American Philological Association*, v. 129, p. 333-341, 1999. DOI: <https://doi.org/10.2307/284435>.

APOLLODORUS. *The library*. I-III. Trans. FRAZER, James. Loeb Classical Library: Harvard University Press, 1921.

ARISTOTLE. *Poetics*. Ed. HALLIWELL, Stephen. Loeb Classical Library: Harvard University Press, 1995.

AUBERGER, Janick. Pausanias et le livre IV: une leçon pour l'Empire?. *Phoenix*, v. 54, p. 255-281, 2000. DOI: <https://doi.org/10.2307/1089059>.

BRUNHARA, Rafael. *As elegias de Tirteu.*: poesia e performance na Esparta arcaica. São Paulo: Humanitas, 2014.

HARDER, Annette. *Euripides' Cresphontes and Archelaos*. Leiden: Brill, 1985.

HYGINI. *Fabulae*. Ed. MARSHALL, P. K. Leipzig: Teubner, 1993.

ISOCRATES. *Discourses*. I-III. Transl. HENDERSON, J. Loeb Classical Library: Harvard University Press, 1911.

JACOBY, Felix. *Fragmente der griechischen Historiker*. Leiden: Brill, 1957.

KANNICHT, Richard. *Tragicorum Graecorum Fragmenta. V. Euripides*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004.

LURAGHI, Nino. *The ancient Messenians: Constructions of Ethnicity and Memory*. New York: Cambridge University Press, 2008.

PAUSANIAS. *Graeciae description. I-III*. Edição ROCHA PEREIRA, Maria Helena. Leipzig: Teubner, 1989.

PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia. Livros II-IV*. Tradução portuguesa, SILVA, Maria de Fátima. Coimbra: IUC, 2022-2023.

PODLECKI, Anthony J. *The early Greek poets and their times*. Vancouver: The University of British Columbia Press, 1984.

RODRÍGUEZ ALCOCER, Maria del Mar. Mesenia: uma identidade criada mediante una alteridade. *Antesteria*, v. 4, p. 81-99, 2015 (ISSN 2254-1683; ACADEMIA.EDU).

TUCÍDIDES. *History of the Peloponnesian war*. Transl. SMITH, Charles F. Loeb Classical Library: Harvard University Press, 1919-2009.

WEST, Martin. *Iambi et elegi graeci*. Oxford: University Press, 1989-1992.